

## **INFLUÊNCIA BRUTALISTA NA OBRA DO ARQUITETO ASSIS REIS: O CASO DA COMPANHIA HIDRO ELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO (CHESF)**

José Carlos Huapaya Espinoza

Rua São Raimundo, 22, Ap. 104, Politeama, Salvador, Brasil, [jhuapayae@gmail.com](mailto:jhuapayae@gmail.com)

Márcia Silva dos Reis

UFBA / UNIFACS, Rua Afonso Celso, 141, sala 102 - Barra, Salvador, Brasil, [mreis2007@gmail.com](mailto:mreis2007@gmail.com)

## RESUMO

A presente comunicação desenvolve-se a partir da análise da interface entre a atividade projetual e o pensamento sobre arquitetura (presentes em textos inéditos) do arquiteto Assis Reis. Apesar de seu papel relevante para a arquitetura moderna baiana, as referências à produção do arquiteto são, ainda, restritas e, em muitos casos, pontuais. Nesse sentido nos propomos como objetivos, num primeiro momento, analisar algumas das suas obras mais representativas como o Centro Médico Albert Schweitzer (1967), o Pavilhão de Osaka (1970), e a Casa Elza Santa Izabel da família Pedreira Lapa(1975); estes projetos evidenciam, em diversas escalas e em distintas formas, as primeiras aproximações, experiências e influências da arquitetura brutalista na obra de Assis Reis. Depois, num segundo momento, centramo-nos na análise de seu projeto mais representativo, a Sede da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), construído em 1977. Mesmo que Assis Reis não tenha afirmado de forma clara essa influência em seus projetos, a partir de seus escritos e depoimentos fica clara essa aproximação ao expressar, por exemplo, que na CHESF conseguiu a “convivência pacífica do milenar tijolo, o concreto pretendido, símbolo da sociedade industrial, e o aço” explorando as qualidades plásticas e estruturais de cada um deles, mostrando-os e utilizando-os segundo suas características intrínsecas.

**Palavras-chave:** Brutalismo; Assis Reis; Arquitetura.

## ABSTRACT

This communication is developed from the analysis of the interface between project activity and the thinking about architecture (found in unpublished works) of architect Assis Reis. Despite its important role for modern architecture in Bahia, references to the production of the architect are still restricted and, in many cases, punctual. Accordingly we propose as objectives, at first, to look at some of his most representative works as the Schweitzer Albert Medical Center (1967), the Osaka Pavilion (1970), and the Elza Santa Izabel house of the PedreiraLapa family (1975); these projects show, at various scales and in different ways, the first approaches, experiences and influences of Brutalist Architecture in the work of Assis Reis. Then, in a second moment, we focus on the analysis of his more representative project, the headquarters CompanhiaHidrelétrica do São Francisco (CHESF), built in 1977. Even if Assis Reis did not clearly state this influence in his projects, from his writings and declarations it is clear this approach as he said, for example, that in CHESF he got the "peaceful coexistence of the ancient brick, the prestressed concrete symbol of the industrial society, and steel," exploring the visual and structural qualities of each of them, showing them and using them according to their intrinsic characteristics.

**Keywords:** Brutalism; Assis Reis; Architecture.

## RESUMO

A presente comunicação desenvolve-se a partir da análise da interface entre a atividade projetual e o pensamento sobre arquitetura (presentes em textos inéditos) do arquiteto Assis Reis. Apesar de seu papel relevante para a arquitetura moderna baiana, as referências à produção do arquiteto são, ainda, restritas e, em muitos casos, pontuais. Nesse sentido nos propomos como objetivos, num primeiro momento, analisar algumas das suas obras mais representativas como o Centro Médico Albert Schweitzer (1967), o Pavilhão de Osaka (1970), e a Casa Elza Santa Izabel da família Pedreira Lapa(1975); estes projetos evidenciam, em diversas escalas e em distintas formas, as primeiras aproximações, experiências e influências da arquitetura brutalista na obra de Assis Reis. Depois, num segundo momento, centramo-nos na análise de seu projeto mais representativo, a Sede da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), construído em 1977. Mesmo que Assis Reis não tenha afirmado de forma clara essa influência em seus projetos, a partir de seus escritos e depoimentos fica clara essa aproximação ao expressar, por exemplo, que na CHESF conseguiu a “convivência pacífica do milenar tijolo, o concreto protendido, símbolo da sociedade industrial, e o aço” explorando as qualidades plásticas e estruturais de cada um deles, mostrando-os e utilizando-os segundo suas características intrínsecas.

**Palavras-chave:** Brutalismo, Assis Reis, Arquitetura.

## ABSTRACT

This communication is developed from the analysis of the interface between project activity and the thinking about architecture (found in unpublished works) of architect Assis Reis. Despite its important role for modern architecture in Bahia, references to the production of the architect are still restricted and, in many cases, punctual. Accordingly we propose as objectives, at first, to look at some of his most representative works as the Schweitzer Albert Medical Center (1967), the Osaka Pavilion (1970), and the Elza Santa Izabel house of the PedreiraLapa family (1975); these projects show, at various scales and in different ways, the first approaches, experiences and influences of Brutalist Architecture in the work of Assis Reis. Then, in a second moment, we focus on the analysis of his more representative project, the headquarters CompanhiaHidrelétrica do São Francisco (CHESF), built in 1977. Even if Assis Reis did not clearly state this influence in his projects, from his writings and declarations it is clear this approach as he said, for example, that in CHESF he got the "peaceful coexistence of the ancient brick, the prestressed concrete symbol of the industrial society, and steel," exploring the visual and structural qualities of each of them, showing them and using them according to their intrinsic characteristics.

**Key words:** Brutalism, Assis Reis, Architecture.

# INFLUÊNCIA BRUTALISTA NA OBRA DO ARQUITETO ASSIS REIS: O CASO DA COMPANHIA HIDRO ELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO (CHESF)

## A PROPÓSITO DA ORIGEM E DIFUSÃO DA ARQUITETURA DO NOVO BRUTALISMO E DO BRUTALISMO

O Novo Brutalismo – movimento arquitetônico destinado a nascer e morrer em meio de um mar ambiguidades, interpretações e reinterpretações no que se refere ao seu ideário, mas, também, por causa do posicionamento de seus próprios protagonistas<sup>1</sup> – surgiu em um marcante contexto político e social inglês e daí, pelo menos nisso existe consenso, disseminou-se no mundo todo de forma multifacetada. A conjuntura de sua origem esteve caracterizada, por um lado, pelas contínuas experiências desse país no campo urbanístico as quais foram destacadas nas principais revistas especializadas, mas, por outro, pelo “atraso” na sua arquitetura<sup>2</sup>.

Como afirmam Artigas e Silva (1988, p. 61), as mudanças do pós-guerra representaram para os arquitetos europeus a busca de novas posturas estéticas e o resgate do “fio da história que antecedeu a presença dos régimes totalitários”. Segundo Royston (1969, p. 27) a Inglaterra, no entanto, não esteve inicialmente em sintonia com esses câmbios nem apresentou transformações arquitetônicas significativas. Prova disso foi a tendência de um grupo de arquitetos ingleses por projetarem sob a influência do “Novo Empirismo” e/ou o “Neo Georgiano”<sup>3</sup>. Frente a esse panorama de “luta de gerações”<sup>4</sup> e de antagonismos, a postura política “independente” e “revolucionária” dos arquitetos mais jovens afinados à continuidade renovada do rumo do movimento moderno inglês<sup>5</sup> logo foi caracterizada como sendo de esquerda<sup>6</sup>.

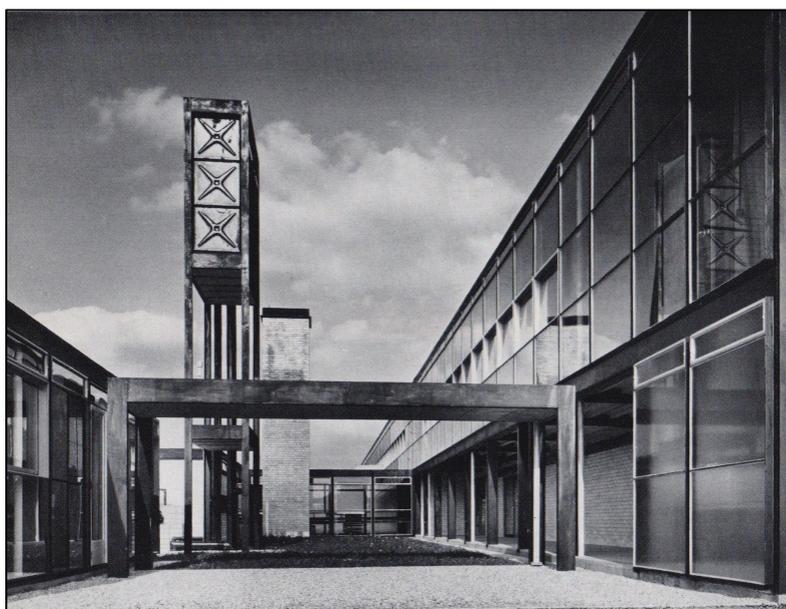


Fig. 01. Escola em Hunstanton, arquitetos Alison e Peter Smithson (1948-1954). Fonte: Banham, 1967.

Em meados da década de 1950 essa renovação passou pela reflexão sobre a própria “cultura arquitetônica inglesa”<sup>7</sup>, a partir desse momento aspectos como a individualidade, fantasia e originalidade começaram a ser valorizados. De forma mais ampla, lembremos ainda que em 1951 instala-se a crise do ideário do CIAM pela ação dos jovens arquitetos ativistas, que defendiam a busca do *particular* diante da ideia de *universalidade* e dos conceitos de identidade, lugar e conjunto além de um novo urbanismo baseado em aspectos sociológicos específicos<sup>8</sup>. É nesse contexto que a obra projetual – pelo menos na sua primeira fase – dos arquitetos Alison e Peter Smithson ganha importância, em especial, a partir da elaboração da escola em Hunstanton, em Norfolk (1949-1954). Caracterizado pela exteriorização dos materiais construtivos e instalações elétricas e sanitárias e pela torre da caixa d’água localizada fora do conjunto; rapidamente, esse projeto seria considerado como o primeiro paradigma do Novo Brutalismo.

Mas afinal, quais eram de fato as características dessa arquitetura? A resposta sem dúvida não é fácil. Como mencionado acima e como defendido por seu principal propagador, Reyner Banham, esse ideário ia além de questões estéticas e tinha uma base ética de acordo à realidade inglesa, por exemplo, a arquitetura para o casal Smithson era considerada como o “resultado direto de um modo de vida”<sup>9</sup>. Coube a Banham tentar esclarecer os “pontos mais relevantes sobre o tema”<sup>10</sup> primeiro, em seu artigo *The New Brutalism* (1955) e, posteriormente, em seu livro *The New Brutalism: Ethic or Aesthetic?* (1966).

Apesar de que Banham caracteriza essa arquitetura como uma “expressão nacional”, reconhece nela a influência de Mies Van der Rohe e de Le Corbusier. Do primeiro, Banham observa a admiração pela pureza estrutural e pelas superfícies tratadas com espírito naturalista e; do segundo as experiências com o *béton brut*<sup>11</sup>, justamente essa faceta corbusiana seria a mais influente para os arquitetos latino-americanos nas décadas de 1960 e 1970 como veremos mais adiante.

Mas, voltando aos escritos de Banham, a partir da análise de dois projetos dos Smithson (a escola em Hunstanton e uma casa em Soho, elaborada em 1953 a qual seria construída com tijolos, lintéis de concreto aparente e interior sem reboco<sup>12</sup>) ele identifica algumas características comuns: plantas axiais, verdade estrutural, honestidade no uso dos materiais (vidro, tijolos, aço e concreto) e instalações vistas<sup>13</sup>. A partir disso, elabora três pontos com os quais “identifica” edificações do novo brutalismo, a saber: 1. Legibilidade formal do projeto; 2. Exposição clara da estrutura e; 3. Valorização dos materiais usados “como são”<sup>14</sup>.

No entanto, Joedicke (1969, p. 124) identifica um segundo momento no movimento que se inicia por volta de 1958 quando este se “internacionaliza” sendo apropriado de acordo a cada contexto criando uma “serie de tendencias de configuración”<sup>15</sup>. Isto também foi colocado por Zein (2007) ao afirmar que existe uma clara diferença entre o “Novo Brutalismo” e o “Brutalismo” os quais no uso corrente acabaram por se confundir na literatura geral havendo, porém, diferenças – mas também

conexões – entre ambos os termos. Analisado cronologicamente, a autora identifica diferentes interpretações e reinterpretções que respondem, no mínimo, a cinco momentos<sup>16</sup>. Deles, dois interessam-nos: o primeiro brutalismo de Le Corbusier e a expansão do “estilo” brutalista já que foram esses os que tiveram mais repercussão na América Latina. Em outro texto, Zein (2012, p. 6-7) explica como a década de 1960 foi fértil para o florescimento do brutalismo no mundo todo resultando em diferentes “aportaciones a nível nacional o local” devido às distintas realidades econômicas, políticas e sociais que iam, em alguns casos, atreladas a posições ideológicas e políticas.

De fato, para Liernur e Aliata (2004, p. 183-184) explicam como na Argentina a imagem de consistência e solidez do estilo brutalista, mais especificamente aquele ligado a Le Corbusier, foi utilizado pelos arquitetos argentinos nos edifícios institucionais como uma forma de representação dos processos de consolidação administrativa e tecnológica. Para os autores, a arquitetura brutalista – sempre destacando o concreto visto, o tijolo e o vidro – possui as seguintes características: papel expressivo da estrutura, materialidade dos elementos arquitetônicos, infraestrutura de serviços, afirmação volumétrica, *tectonicidade* e contundência da obra. No caso peruano esse estilo teve maior influencia entre as décadas de 1960 e 1970 e encontrou no contexto político nacional uma forma de expressar os processos de câmbios revolucionários 3 de reformas acordes à política do governo militar de turno o qual encontrou no brutalismo a possibilidade de criar uma imagem “institucional, monumental, racional e formalista”<sup>17</sup>.



Fig. 02. *Museo de la Nación del Perú* (inicialmente, Ministério da Pesca), arquitetos Miguel Cruchaga, Miguel Rodrigo e Emilio Soyer (1970). Fonte: Ferrer, 2011.

## UM BREVE BALANÇO SOBRE O DEBATE DA ARQUITETURA BRUTALISTA NO BRASIL

Como afirma Zein (2002, p. 19), o final dos anos de 1970 foi marcado pela abertura de novos caminhos para a arquitetura brasileira através de uma série de debates sobre o tema<sup>18</sup> destacando-se nesse cenário a presença da “escola paulista”. Esses debates, na verdade, podem ser entendidos como sendo parte de um processo mais amplo de estudos elaborados fora do país que tinham como finalidade realizar um balanço sobre o estado “atual” da arquitetura, seus desafios e suas perspectivas. De fato, dessa década e de inícios da seguinte datam os trabalhos realizados por Jencks (Movimentos modernos em arquitetura), Zevi (*Spazidell'architettura moderna*), Frampton (Historia crítica da arquitetura moderna), só por citar só alguns. Em todos eles, o brutalismo merecerá um capítulo aparte.

Da mesma forma, no Brasil, essa tentativa por sistematizar, periodizar, caracterizar e “regionalizar” as experiências da arquitetura no país vai se constituir na principal preocupação dos pesquisadores brasileiros na tentativa de entender as “tendências e as discussões pós-Brasília”<sup>19</sup>. O novo panorama que se inicia após a construção e crítica de Brasília é, sem dúvidas, um comum denominador.

Sem embargo, existem diversas opiniões sobre como o ideário brutalista teria ou não influenciado a escola paulista, da qual, a obra do arquiteto Vilanova Artigas é referência. Não é nosso objetivo entrar nesse debate até porque o mesmo já se encontra bastante superado<sup>20</sup>, mas, sim, é importante ressaltar, no mínimo, quatro pontos: a centralidade de debate Rio de Janeiro – São Paulo; a pouca reflexão fora desse eixo; a postura ética perante a sociedade e sua associação a uma forma de resistência e busca por uma identidade nacional<sup>21</sup> e; a tentativa por desvendar suas “questões compositivas”<sup>22</sup>.

O último ponto merece uma explicação à parte já que alguns trabalhos destacam-se pela tentativa de caracterizar a arquitetura paulista brutalista. Zein (1983) aponta à procura de horizontalidade, jogos de níveis reunidos num só bloco destacado do chão, estrutura de concreto armado aparente, jogos de iluminação zenital/lateral, tecnologia empregada etc. Acayaba (1985) organiza as características da arquitetura paulista dos anos 60 (com ênfase às residências) em “dez mandamentos” dos quais destacamos: 1. As casas serão objetos singulares na paisagem e 6. A casa será resolvida em função de um espaço interno próprio o pátio. Mais recentemente, tomando como objeto de análise um elenco de residências paulistas, os estudos de Sanvitto (2002) apontam para uma série de intenções formais e compositivas sobressaindo-se o prisma elevado e o grande abrigo.

Esse ideário, como afirma Zein (1983), foi decisivo e influenciou a obra de arquitetos de outras regiões do país. De fato, é possível encontrar paralelos com esse discurso no pensamento e obra

do arquiteto Assis Reis. Apesar de que em muitas das referências bibliográficas acima citadas ressalta-se a importância da obra projetual do arquiteto baiano<sup>23</sup>, em especial exemplificada no edifício para a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), pouco se tem explorado sobre seus percursos e influências de/na sua arquitetura.

## **ASSIS REIS: APROXIMAÇÃO, APROPRIAÇÃO E REINVENÇÃO DA ARQUITETURA BRUTALISTA**

A partir das características da arquitetura brutalista apresentada nos dois pontos anteriores, e das diversas leituras feitas reconhecemos o “brutalismo” de difícil conceituação, levando-nos nesse trabalho a considerá-lo como um “estilo”, e dessa forma o mesmo poderá abrigar uma infinidade de obras que pontualmente possuam as mesmas características das obras consagradas como brutalistas. Esse conjunto de ideias ou “estilo” tem como uma das suas motivações rejeitar o receituário de Le Corbusier (mais especificamente da sua fase “racional”), em determinado momento da história, levando os arquitetos a reverem o embasamento teórico de seus trabalhos.

O início da década de 60 é marcado pela revisão dos preceitos do movimento moderno por parte de vários arquitetos, em especial, da nova geração. No caso brasileiro, essas inquietudes tornam-se mais evidente a partir da construção da nova capital. Brasília marca um ápice e é divisor de ideias e críticas sobre o futuro da arquitetura moderna brasileira. Nesse momento surge no país a segunda geração de arquitetos modernistas, que em comum realizaram obras que conceitualmente afastaram-se das obras do mestre Corbusier.

Assis Reis era um dos arquitetos considerado como participante dessa segunda geração<sup>24</sup>, que segundo Segawa (2002), no período após a construção de Brasília, surge como uma tendência alternativa ao “Corbusierismo”, buscando uma aproximação com fontes vernáculas, e diferenças e necessidades regionais. Ainda, segundo o autor (2002, p. 197), inicia-se neste momento um “processo de crítica e revisão dos princípios do modernismo ortodoxo”, encabeçado por nomes como Jaime Lerner, Lina Bo Bardi, Luiz Paulo Conde, Severiano Mário Porto e Francisco de Assis Reis, que abraçam conceitos flexibilizadores do agudo racionalismo das décadas anteriores. Geograficamente, grande parte desses arquitetos estava alocada principalmente no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, quando justamente nessa época Assis Reis se aproxima de alguns colegas paulistas e cariocas, levando-nos a crer que essa forte relação pode tê-lo influenciado.

Assis Reis em nenhum momento da sua carreira considerou suas obras filiadas ao “estilo” brutalista e sim ao regionalismo crítico. Dessa forma defendia uma identidade regional, uma consciência latino-americana, ligada ao estudo dos valores regionais, traduzindo, dentro de contemporaneidades as realidades históricas, culturais e materiais de uma região, para se

contrapor ao Eurocentrismo – caracterizado por um vale tudo formal, sendo reflexo da transitoriedade pós-moderna<sup>25</sup>.

Vale destacar a viagem em 1957 que Assis faz a Europa com seus colegas no final do curso de arquitetura, onde mantêm contato com diversos profissionais dessa área como também com as obras do mestre Corbusier (em especial, a Unidade de Marselha, paradigma da arquitetura brutalista), num momento em que o brutalismo ganhava força na Europa. Essa viagem, e principalmente a visita a França, Espanha e Portugal influenciou Assis a fazer uma revisão da sua obra e dos princípios que a precediam.

Numa palestra realizada para o XI Congresso Brasileiro de Arquitetura em Belo Horizonte, Minas Gerais em 1985, Assis afirma:

Na minha iniciação, dentre outras obras destaco a primeira: pequena habitação que foi inspirada no famoso pavilhão de exposição de Barcelona, de autoria do não menos famoso arquiteto Mies Van Der Rohe [...] Posteriormente viajo para a Europa, mantendo alguns diálogos com pessoas intelectualmente e às vezes conservadoras que externavam e afirmavam que a partir da península Ibérica, não existia civilização, à exceção do Canadá e do Estados Unidos, o que me provocou profunda perplexidade, época em que possuía bagagem e consciência cultural suficientes para replicar. [...] Essas circunstâncias me levaram a reexaminar cuidadosamente aquela minha primeira obra feita com tanto entusiasmo, Concluindo, que sua importância era por ser sub-produto, e mostrar-se uma impropriedade de ambientação. Era um corpo estranho num mundo cultural forte – a cidade de Salvador. [...] A partir daí, começo a estudar com muito interesse os valores regionais do meu meio. A princípio, justificava-me que quanto mais aprofundamento e consciência tivesse desses valores, estaria credenciado a criar obras cujas autenticidades permitissem um dialogo democrático com outros povos a nível de interesses culturais recíprocos. [...] De posse desse princípio otimista, passei a desenvolver muitos estudos e reflexões que se inserem na minha produção de arquitetura e consciência de vida.

Se fizermos uma breve análise cronológica da obra de Assis Reis através de alguns de seus principais projetos, desenvolvidos nessa época, veremos que, no que diz respeito aos materiais e a relações entre os diversos espaços, algumas características “brutalistas”, sempre estiveram presentes.

### **Centro Médico da Graça – Salvador, Bahia - 1965**

A primeira obra a ser analisada é do Centro Médico da Graça 26, projeto de 1965, possuidora de um elenco de materiais aplicados de forma bruta, aparente, sem nenhum tipo de acabamento, tanto externa como internamente. Foi construído em concreto aparente, com fundação em tubulão e lajes de concreto armado em duas direções nos módulos dos consultórios médicos, dispensando vigas para as possíveis subdivisões dos mesmos e separados entre si por faixas

sanitárias. Nas circulações destes consultórios, como ventilação e iluminação, foram utilizados os cobogós de vidro e no corpo de serviço foram utilizados cobogós cerâmicos.



Fig. 03. Centro Médico Albert Schweitzer; Assis Reis, 1967. Fonte: Márcia Silva dos Reis.

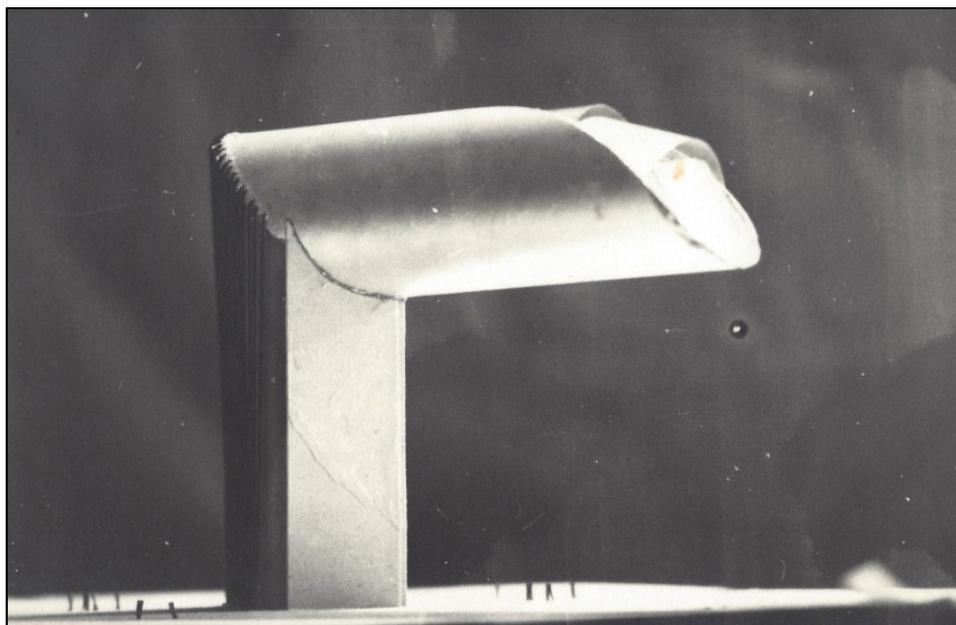


Fig. 04. Proposta para o Pavilhão Brasileiro da Expo-70, em Osaka, no Japão; Assis Reis, 1970. Fonte: AAR.

### **Pavilhão de Exposição – Osaka, Japão - 1969**

O desenvolvimento e a consolidação da prática de uma arquitetura que exprimisse as “raízes espirituais e ambientais da região” foram concebidos na sua proposta para o Pavilhão Brasileiro da Expo-70, em Osaka, no Japão. O edifício seria desenvolvido também em concreto aparente e

sua volumetria baseava-se no uso de sistemas tecnológicos avançados. Segundo Assis Reis, sua escala, verticalidade e articulação homenageava a “qualidade expressiva social do Elevador Lacerda”<sup>27</sup>.

### **Casa Santa Izabel – Salvador, Bahia - 1975**

É possível identificar claramente alguns ecos brutalistas em seus projetos para residências. Para Nery (2003, p. 18), a principal característica delas são a “organização e articulação de espaços internos” e expressam uma fase de procura do arquiteto na qual os valores culturais e históricos preexistentes ficam implícitos. Nery (2003, p. 19) identifica ainda algumas características comuns: o uso do tijolo aparente, complexidade orgânica, supressão do teto reto e, iluminação zenital. De fato, todas essas características estão presentes em um dos seus projetos residências mais representativo: a Casa Elza Santa Izabel da família Pedreira Lapa(1975).

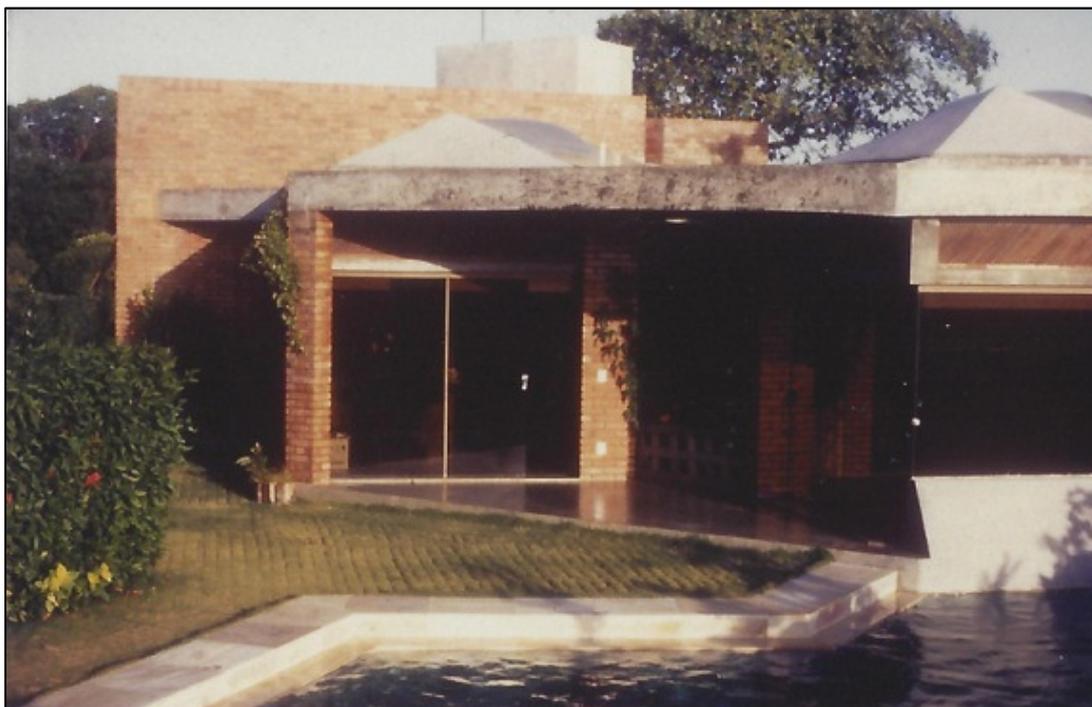


Fig. 05. Casa Elza Santa Izabel, Assis Reis, 1975. Fonte: AAR.

### **UM CASO EXEMPLAR: A COMPANHIA HIDRO-ELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO (CHESF)–SALVADOR, BAHIA - 1977**

Porém, é sua proposta para a Chesf que se apresenta como mais próxima ao ideário brutalista. O projeto nasceu inicialmente não do desenho mais de uma “carta-compromisso”<sup>28</sup> enviada à diretoria dessa instituição. A modo de manifesto essa carta resumia a intenções estéticas e construtivas da obra. Assis Reis afirmava que o projeto nascia da “convivência pacífica das

tecnologias do aço, concreto pré-fabricado e tijolo<sup>29</sup> usados de forma “honestamente, sincera” espelhando assim, a contribuição de cada um deles no conjunto. O tijolo, afirmava, tinha maior densidade participativa e assumia o “domínio da expressão da obra”<sup>30</sup>.

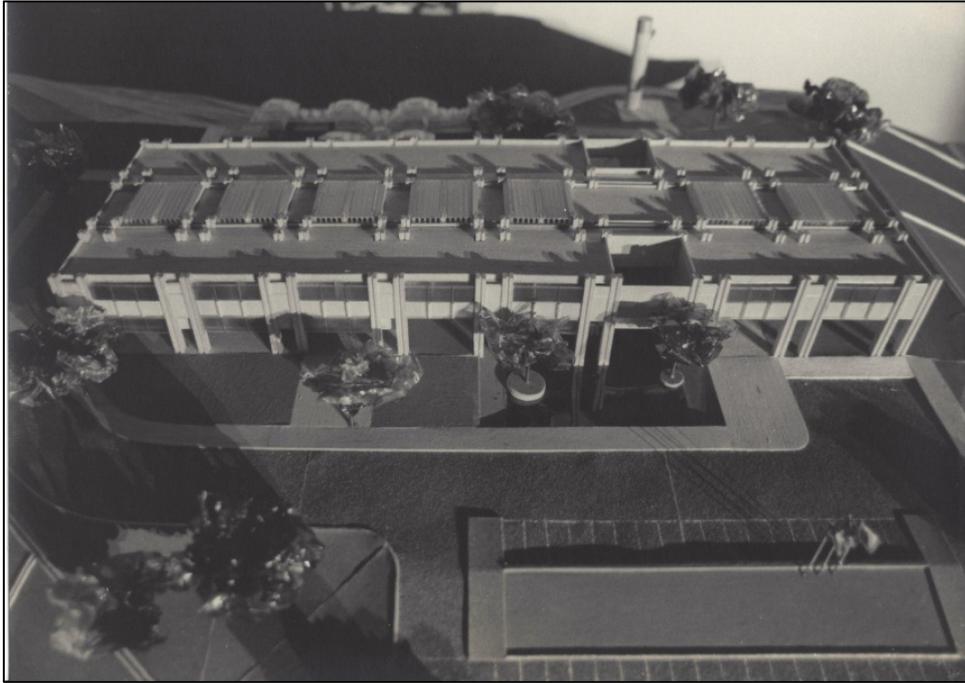


Fig. 07. Maquete do edifício da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, Assis Reis, 1977. Fonte: AAR.

Assis Reis concebeu o edifício em um único volume em sistema modular, o conjunto era completado pelo Castelo D'água (que coincidentemente, ou não, lembra a solução utilizada no projeto para a Escola Hunstanton pelo casal Smithson) concebido como elemento “surpresa” e, a área do restaurante com a cobertura em policarbonato. Outro aspecto importante foi a flexibilidade característica da “latinidade tropical” onde o sentido de “liberdade” é alcançado pelo “entrelaçamento do interior com o exterior”<sup>31</sup> “desincorporando as fronteiras físicas e psicológicas”<sup>32</sup>. Os espaços vazios e internos em forma de claustros são iluminados de forma zenital que “entrecruzados por escadas, passarelas, ventilações e reflexos aquáticos” provocam “versáteis angulações visuais”<sup>33</sup>.

De forma geral, algumas influências brutalistas no projeto para a Chesf podem ser entendidas nos seguintes pontos:

### **Novas Tecnologias e Materiais**

O concreto protendido e pré-fabricado, à época já em produção em Camaçari, representando uma tecnologia atualizada, foi empregado em estruturas horizontais (lajes de pisos e vigas), correspondentes as passarelas e corredores, como também nos “cabeçotes” dos tubulões, que se tornam aparentes entre o espelho d'água e a pilastraria.

O aço corten, de maior resistência à corrosão, foi aplicado nos locais de circulação entre os pavimentos (passarelas e escadas), em vigas de apoio, nos guarda-corpos e brise-soleil em forma de grelhas (NERY, 2002, p. 225). Este último elemento foi utilizado com a conhecida preocupação da proteção da incidência solar sobre o edifício, enquanto associada ao uso da água no pavimento térreo produz um agradável microclima.

O tijolo laminado, material de presença dominante, caracteriza toda uma identidade regional, sendo utilizado nas estruturas verticais, como revestimentos, e nas paredes divisórias, criando uma modulação onde todas as dimensões do edifício derivam da dimensão do próprio tijolo. Outro elemento que vale destacar é o sábio emprego das diferentes possibilidades de estereotomias do tijolo aparente, ressaltado em sua tonalidade quando da incidência da luz solar na fachada, provocando um efeito que se assemelha a fritura do azeite de dendê nos tachos das tradicionais baianas de acarajé.

Um dos grandes valores do edifício da Chesf foi a racionalização construtiva além do uso sábio e verdadeiro uso dos três materiais presentes na sua arquitetura, caracterizando o mesmo pela sua verdade de expressão. Esses três materiais – tijolo, concreto e aço corten – convivem de forma pacífica apesar de suas diferenças técnicas tendo o arquiteto usado de forma criativa, a exemplo das diferentes estereotomias do tijolo maciço, correspondente a maior parte da obra.

### **Verdade dos materiais**

Tijolos estruturais, concreto aparente, aço corten e vidro são os materiais utilizados. A importância que cada um deles tem sozinho e em conjunto é um dos grandes valores dessa obra e reflete precisamente um dos padrões da Arquitetura Moderna – compor o espaço arquitetônico através do caráter único e particular de cada material. Os tijolos, contudo, formam a expressão máxima da linguagem arquitetônica do edifício. Assis Reis os elegeu definidores de toda a composição da obra, dando-lhes seu lugar de destaque. Estão presentes nas fachadas, no revestimento dos pilares e dentro das salas de trabalho, não tendo sido revestidos até os dias atuais. Essa característica de exposição in natura dos materiais, sem acabamentos, também remonta ao Brutalismo, uma das correntes do Movimento Moderno que pregava a utilização do material como este se apresentava (FRAMPTON, 2003, p.319). Assim também se apresentam as instalações hidrosanitárias, que podem ser vistas expostas em todos os pilotis do edifício.

### **Relação do espaço interno x externo**

O respeito ao clima também traduz a relação com o lugar, percebida através do brise-soleil que protege e compõem as duas fachadas longitudinais e enfatizam a horizontalidade do edifício. O grande espelho d'água também reforça o respeito pelo sítio tropical, no momento em que cria um

micro clima, já mencionado. Outro elemento arquitetônico importante é a pilastraria encontrada no seu pavimento térreo que reforçará a fluida relação entre o espaço interno e toda área externa.



Fig. 06. Edifício da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, Assis Reis, 1977. Fonte: AAR

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta breve apresentação da obra do arquiteto Assis Reis tentamos mostrar como efetivamente o movimento brutalista no Brasil encontrou formas diversificadas de interpretações de acordo, também, à diversidade de contextos.

O caso da obra de Assis Reis merece destaque nas discussões sobre as formas de difusão do movimento brutalista no país ampliando as discussões fora do eixo Rio-São Paulo. É evidente, a partir das discussões sobre o tema, que a influência brutalista em Assis Reis vai ser mais evidente em certos momentos da sua obra projetual. Isto não entanto, revela e evidencia seu próprio processo de busca de uma arquitetura acorde as suas próprias reflexões.

Também é evidente que essas obras, concordando com as constatações de Zein (2007) para as obras brutalistas paulistas, podem não ser consideradas como brutalistas, mas, podem sim ser “legitimamente consideradas”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A NOVA arquitetura baiana. **Projeto**, São Paulo, n. 42, edição especial de 10 anos/1972-1982, p. 22, jul. 1982.
- Acayaba, M. Brutalismo caboclo, as residências paulistas. **Projeto**, São Paulo, n. 73, p. 46-48, mar. 1985.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre o brutalismo caboclo. **Projeto**, São Paulo, n. 86, p. 68-70, abr. 1986.
- Anelli, R. L. S. **Architettura contemporanea: Brasile**. Milão: 24 Ore Motta Cultura, 2008.
- AAR - Arquivo Assis Reis.
- Banham, R. The New Brutalism. **The Architectural Review**, Londres, dez. 1955, v.118, n.708, p. 354-361.
- \_\_\_\_\_. **El brutalismo en arquitectura ¿ética o estética?** Barcelona: Gustavo Gili, 1967 [1966].
- Bastos, M. A. J. **Pós-Brasília. Rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Perspectiva/Fapesb, 2003.
- Bastos, M. A. J.; Zein, R. V. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- Bruand, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- Cardoso, L. A. F.; Oliveira, O. O. F. de (Orgs). **(Re) Discutindo o modernismo. Universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil**. Salvador: Mestrado em arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1997.
- Curtis, W. J. R. **Arquitetura moderna desde 1900**. Porto Alegre: Bookman, 2003 [1982].
- Frampton, K. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1980].
- Fuão, F. F. Brutalismo, a última trincheira do movimento moderno. **Arquitextos**, São Paulo, n.007.09, a. 1, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.007/949>>.
- Girão, P. A. **Estratégias de conservação da arquitetura moderna: O caso da sede da Chesf em Salvador**. Especialização em Conservação da Arquitetura Moderna. Ceci/Iccrom, Recife, 2010.
- Hatje, G. **Diccionario ilustrado de la arquitectura contemporánea**. Barcelona: Gustavo Gili, 1970.
- Jencks, C. **Movimentos modernos em arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1987 [1973].
- Liernur, J. F.; Aliata, F. **Diccionario de arquitectura en la Argentina**. Buenos Aires: AGEA, 2004.
- Magalhães, S. Uma arquitetura de compromisso social. **Projeto**, São Paulo, n. 94, p. 44-45, dez. 1986.
- Melvin, J. **...Ismos. Entender a arquitetura**. Singapura: Lisma, 2005.
- Montaner, J. M. **Depois do movimento moderno. Arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001 [1993].
- Nery, P. A. C. Assis Reis: arquitetura, regionalismo e modernidade. **Cadernos PPGAU/UFBA**, Salvador, v.2, n.1, 2003, p. 11-26.
- Reis, A. Depoimentos. In: Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio de Janeiro. **Arquitetura Brasileira após Brasília/Depoimentos**. Rio de Janeiro: Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio de Janeiro, 1978, p. 273-302.
- \_\_\_\_\_. Manifesto de um baiano. **Revista AU – Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, a.2, n. 6, p. 32-36, jun. 1986.
- \_\_\_\_\_. Fazer arquitetura, um difícil aprendizado. **Projeto**, São Paulo, n. 94, p. 43-47, dez. 1986.

Sanvitto, M. L. As questões compositivas e o ideário do brutalismo paulista. **Arquitexto – Revista Impressa Semestral do Departamento de Arquitetura e do PROPAR-UFRGS**, Porto Alegre, n.2, 2002. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_2/2\\_Maria%20Sanvitto.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Maria%20Sanvitto.pdf)>.

Segawa, H. **Arquiteturas no Brasil, 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2002 [1998].

Valcarce Labrador, M. T. El Nuevo Brutalismo: una aproximación y una bibliografía. **Cuadernos de Notas**, Madri, 1999, n.7, p. 131-144.

———. El Nuevo Brutalismo, otra vuelta de tuerca. **Cuadernos de Notas**, Madri, 2000, n.8, p. 129-139.

Zein, R. V. Brutalismo, Escola Paulista: entre o ser e o não ser. **Arquitexto – Revista Impressa Semestral do Departamento de Arquitetura e do PROPAR-UFRGS**, Porto Alegre, n.2, 2002, p.6-31. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_2/2\\_Ruth.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Ruth.pdf)>.

———. Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado). **Arquitextos**, São Paulo, n.087, a. 7, maio 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/243>>.

———. ¿Brutalismo? Un nombre polémico y su uso para designar una tendencia pasada en la arquitectura brasileña. **En Blanco**, Valença, 2012, n. 9. Disponível em: <[http://brutalistconnections.com/PDF/ZEIN\\_Brutalism\\_spanish.pdf](http://brutalistconnections.com/PDF/ZEIN_Brutalism_spanish.pdf)>.

---

<sup>1</sup> Segundo Del Fusco (1981, p. 424) os escritos de Reyner Banham sobre o Brutalismo resultavam ser confusos quando se tratava de descrevê-lo. Essa ideia é também compartilhada por Varcarce Labrador (1999, p. 131 e 2000, p. 138), por Joedicke (1969, p. 109), por Royston (1969, p. 24) e por Zein (2007). Os debates sobre sua definição pode ser visto nos artigos “New Brutalism. Defined At last” publicado na revista *The Architect's Journal*, em abril de 1956 e; no artigo “Thoughts in progress. The New Brutalism” na revista *Architectural Design*, em abril de 1957. Uma versão da origem do próprio termo pode ser consultada no artigo “The New Brutalism” de Reyner Banham publicado na revista *The Architectural Review*, em dezembro de 1955 e; no livro, também de Banham “Brutalismo enarquitectura: ¿ética o estética?” publicado originalmente em 1966.

<sup>2</sup> Del Fusco, 1981, p. 418. É reconhecida a influência da política urbana inglesa do pós-guerra, em especial, a partir dos trabalhos e leis urbanísticas da *Town Country Planning Act* (1944), da *New Towns Act* (1946) e da *Town and Country Planning Act* (1947).

<sup>3</sup> Royston (1969, p. 26) classifica a década de 1950 como sendo a época da “arquitetura de restauración georgiana”. Varcarce Labrador (1999, p. 133) chama à atenção sobre a influência do “Novo Empirismo” no meio arquitetônico inglês durante essa mesma década. Por sua vez, Frampton (2003, p. 319) explica como os trabalhos do Conselho Municipal de Hertfordshire, por exemplo, adotou no vasto programa de construção de escolas o “estilo neogeorgiano”.

<sup>4</sup> Banham, 1967, p. 11.

<sup>5</sup> Referimo-nos, mais especificamente, a posição destes em relação às críticas ao chamado *International Style*.

<sup>6</sup> Ao respeito ver: Varcarce Labrador (1999, p. 133) e Hatje (1970, p. 72). Banham (1967, p. 11) ainda esclarece que apesar deles serem considerados como comunistas, nem todos necessariamente formavam parte desse partido político.

<sup>7</sup> Del Fusco, 1981, p. 422.

<sup>8</sup> Jencks, 1985, p. 242-243. Fuão (2000) lembra a ação do Team X, em especial, a de Aldo Van Eyck, Bakema, Candillis e o casal Smithson.

<sup>9</sup> Ver: Smithson, Alison e Peter. *The New Brutalism*. **Architectural Design**, Londres, jan. 1955, p.1.

<sup>10</sup> Varcarce Labrador, 1999, p. 132.

<sup>11</sup> Montaner, 2011, p. 73 e Banham, 1967, p. 16-17.

<sup>12</sup> Frampton, 2003, p. 323.

<sup>13</sup> Ver: Banham, 1955, p. 357.

<sup>14</sup> *Idem*.

<sup>15</sup> Apesar de que ele não diferencia os termos “Novo Brutalismo” e “Brutalismo” em seu discurso, é baseado no primeiro que considera haver uma mudança a partir da década de 1960.

<sup>16</sup> Assim organizados: 1947 – Le Corbusier: primeiro brutalismo; 1953-1956, Novo Brutalismo Britânico, versão casal Smithson; 1953-1960: obras inaugurais do estilo Brutalista; 1959 em diante: expansão do “estilo” brutalista e; 1966: Novo Brutalismo, versão sistematizada a *posteriori* por Banham.

<sup>17</sup> Ferrer, 2011, p. 48.

<sup>18</sup> A autora refere às discussões organizadas pelo IAB-RJ entre 1976 e 1977.

<sup>19</sup> Frase tomada do artigo de Zein publicado na revista *Projeto* em julho de 1983. Dentre as publicações da época destacamos “Arquitetura contemporânea no Brasil” de Bruand publicado em 1981 e; “Arquitetura moderna brasileira” de Fischer e Acayaba publicado em 1982.

<sup>20</sup> Referimo-nos, dentre outros, aos trabalhos de Acayaba (1986), Artigas (1988), Segawa (1998) Fuão (2000) e, Zein (2002 e 2007).

<sup>21</sup> Fuão, 2000.

<sup>22</sup> Sanvitto (2002).

<sup>23</sup> Assis Reis mesmo tendo nascido em Sergipe, ele considerava-se baiano.

<sup>24</sup> No seu livro intitulado “Arquitetura Brasileira após 1950”, Bastos e Zein (2010, p. 253) citam os arquitetos Joaquim Guedes, Luiz Paulo Conde, Vital Pessoa de Melo, Sérgio Magalhães, Assis Reis e Juan Villa como a segunda geração dos arquitetos modernos no Brasil.

---

<sup>25</sup> Ao respeito desse assunto ver: Frampton, 2003, p. 396.

<sup>26</sup> Construído num bairro nobre da cidade de Salvador, o bairro da Graça, pioneiro pelo seu uso, com obra premiada na 1ª Bienal de Arquitetura do Peru.

<sup>27</sup> Palestra ministrada no IAB em 15 de novembro de 1997. AAR.

<sup>28</sup> Palestra no Instituto de tecnologia da Universidade Federal da Paraíba, sem data. AAR.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Palestra realizada no XIIº Congresso Brasileiro de Arquitetura intitulada "Experiência de um arquiteto brasileiro". AAP.

<sup>32</sup> Palestra ministrada no IAB em 15 de novembro de 1997. AAR.

<sup>33</sup> Idem.